

**“UM NELORE PARA NÃO SAIR DE UMA BRIGA”:  
A CULTURA DA VALENTIA EM GOIÁS**

Eliezer Cardoso Oliveira\*  
Eduardo Gusmão de Quadros\*\*

**Resumo:** Este artigo parte do pressuposto de que a valentia é um forte componente da identidade cultural goiana. Pela especificidade da sua formação histórica, a partir da conquista bandeirante e escravização dos indígenas em meio a um ambiente rural, longe dos tentáculos do estado, Goiás valorizou os elementos associados à violência. No entanto, a valentia goiana não é clássica, como o modelo do duelo face a face presente no livro *Ermitão de Muquem*. A valentia goiana é legitimada pela tocaia, pela coragem de matar, exemplificada nas obras dos mais conhecidos autores regionalistas, como Bernardo Élis, Hugo de Carvalho Ramos, Bariani Ortêncio, dentre outros.

**Palavras-chave:** Ética da Valentia; Identidade Cultural; Literatura Regionalista.

---

\* Doutor em História, professor da Universidade Estadual de Goiás/Unidade Anápolis (UEG), Anápolis, GO, Brasil.  
E-mail: ezi@uol.com.br

\*\* Doutor em História, professor da Universidade Estadual de Goiás/Unidade Anápolis (UEG), Anápolis, GO, Brasil, e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, GO, Brasil.  
E-mail: eduardo.hgs@hotmail.com

“A BULL NOT LEAVE ONE FIGHT”:  
A CULTURE OF VALOR IN GOIÁS

**Abstract:** This article assumes that bravery is a strong component of Goiás cultural identity. The specificity of its historical formation, from the pioneering conquest of indigenous and African enslavement in the middle of a rural setting, away from the tentacles of the state, Goiás cherished the elements associated with violence. However, Goiás bravery is not classical, like the model of the face-to-face duel in the book *Hermit from Muquém*. Goiás bravery is legitimized by ambush, the courage to kill, exemplified in the works of the best known regionalist authors like Bernard Elis, Hugo de Carvalho Ramos, Bariani Ortencio, among others.

**Keywords:** Ethics of Bravery; Cultural Identity; Regionalist Literature.

“UN NELORE PARA NO SALIR DE UNA LUCHA”:  
LA CULTURA DE VALENTÍA EN GOIÁS

**Resumen:** Este artículo se supone que la valentía es un fuerte componente de la identidad cultural de Goiás. El carácter específico de su formación histórica, desde la conquista pionera de la esclavitud indígena en medio de un ambiente rural, lejos de los tentáculos del Estado, Goiás valoró los elementos asociados a la violencia. Sin embargo, la valentía goiana no es clásica, como la cara del modelo del duelo cara a cara presente en el libro *Ermitão de Muquém*. La valentía goiana es legitimada por la emboscada, por el coraje de matar, ejemplificada en las obras de los autores más famosos regionalistas, como Bernardo Élis, Hugo de Carvalho Ramos, Bariani Ortêncio, entre otros.

**Palabras clave:** Ética de la Valentía; Identidad Cultural; Literatura Regionalista.

## Introdução

“45 do calibre, 00 da algema”. Com este lema, o candidato Delegado Valdir foi eleito, em 2014, o deputado federal mais votado de toda a história de Goiás, ultrapassando em mais de 100 mil votos o segundo colocado. Não subestimando as propostas políticas do candidato e o contexto de violência da sociedade contemporânea, pode-se afirmar que o sucesso do mote eleitoral se explica pelas suas fortes evocações simbólicas para os goianos. O seu lema evoca valentia, dureza, virilidade e força, elementos bastante representativos da identidade cultural goiana.

Na mesma perspectiva, o escritor José Mendonça Teles, refletindo sobre o significado de “ser goiano”, afirmou: “É ser dócil e falante, impetuoso e tímido. É dar uma galinha para não entrar numa briga e um nelore para não sair dela.” (TELES, 1988, p. 11). Essa imagem do goiano que sabe usar a valentia e a força quando for preciso é constante na literatura regional e na cultura popular. Mesmo num ambiente de cultura urbana, como a cidade de Goiânia, é comum ver adesivos destacados em veículos, principalmente camionetes, exaltando a valentia: “Aqui o sistema é bruto”, “Nóis capota, mas não breca”.

Logicamente este componente da identidade goiana não deve ser avaliado de modo absoluto. Não significa dizer que os mais de 200 mil eleitores do Delegado Valdir ou os proprietários dos veículos com os adesivos evocando a coragem são pessoas violentas e corajosas. Contudo, significa afirmar que boa parte dos goianos se identifica com uma narrativa construída em torno de valores evocativos da valentia.

Portanto, para os propósitos deste artigo, a expressão “identidade cultural” pode ser concebida como o modo como uma coletividade se vê e o modo como ela é vista pelas outras coletividades. Identidade cultural é formada pela seleção de algumas características que o grupo concebe como significativas para moldar o que ele considera como sua essência. Nesse caso, o significado é coerente com uma das definições apresentadas por Stuart Hall:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nossas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos como os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006, p. 11-12).

A identidade cultural possibilita ao indivíduo se enxergar além da sua subjetividade, integrando-se a sua comunidade familiar, a sua comunidade de vizinhança, a sua região e a sua nação. No caso de Goiás, a identidade cultural foi sendo moldada a partir da especificidade geográfica – a natureza crua do cerrado – e da especificidade histórica – marcada pelo

esforço de colonização, a partir do século XVIII, que resultou no conflito social e na mescla etnocultural entre europeus, indígenas e africanos.

O historiador Nasr Fayad Chaul, refletindo sobre “o que é ser goiano?”, afirmou que a maior especificidade da identidade goiana é a tensão entre dois polos dicotômicos: entre isolamento e integração, entre o velho e o novo, entre o atraso e o progresso, entre modernidade e tradição. Ele, criativamente, sintetiza essas dicotomias por meio dos termos “goianice” e “goianidade”

Os viajantes que passaram por Goiás com seus olhos embotados de realidades europeias conseguiram vislumbrar um aspecto comum: a decadência da capitania. Esse estigma de terra do “atraso”, da “decadência”, do marasmo e do ócio, serviu para se identificar o goiano – e criar o que chamaríamos de goianice – por vários séculos, até que outra construção e outro estigma o substituiu, baseado na ideia de modernização em forma de progresso apregoada após o movimento de 1930. Através do progresso os arautos de 30 procuraram reconstruir a imagem de Goiás e imprimir uma face mais contemporânea ao estado, o que poderia ser visto como a tentativa de inserir a região na construção da nação. Assim, a título de representação, a “goianice” nos remete à época em que a ideia de “decadência” serviu para rotular o contexto da história de Goiás após a crise da mineração, enquanto o que chamamos de “goianidade” nos indica a construção da ideia de modernização através de uma de suas representações, o progresso, furto dos projetos político-econômicos do pós-30 em Goiás (CHAUL, 2011, p. 42).

A elite intelectual e administrativa de Goiás sempre se preocupou com o estigma da decadência ou do atraso. Por isso, empenhou-se na criação de mirabolantes planos de modernização socioeconômica, tais como: navegação dos rios Araguaia e Tocantins, integração logística por meio de ferrovias e rodovias, projetos de desenvolvimento da agropecuária (como as colônias agrícolas), construção de Goiânia e o engajamento na mudança da capital federal para o Planalto Central.

Por trás dessas iniciativas modernizadoras, estava o desejo da elite em desvincular-se das tradições e expressões culturais populares de Goiás. Pretendiam-se superar os traços sertanejos, indígenas, africanos que caracterizavam a identidade goiana. O que se pretendia era a urbanização e a educação do povo, infundindo-lhe práticas e atitudes “civilizadas” originadas da Europa, Estados Unidos ou dos estados do Sul e Sudeste do Brasil.

No entanto, essa identidade modernizadora, pelo seu caráter artificial, não logrou êxito totalmente. Apesar do inegável desenvolvimento socioeconômico, advindo após a década de 1930, ainda persistem fortes elementos identitários típicos de uma sociedade tradicional. Um desses elementos<sup>1</sup> é a valorização do que se denomina aqui de “ética da valentia”.

De acordo com Norbert Elias, a valentia é típica de uma sociedade não afetada pelo que ele denomina de “processo civilizador”. Na sua obra, ele procura analisar como os homens tornaram-se mais gentis e começaram a se tratar com regras de etiquetas que expressavam boas maneiras. A sua hipótese é que o início desse processo civilizador deu-se na corte dos monarcas absolutistas, quando a nobreza teve que se adaptar a uma convivência regrada nas cortes.

Antes da emergência do processo civilizador, os seres humanos, sobretudo os nobres, agiam de modo muito mais instintivo. O controle dos afetos e das funções corporais era bem mais rudimentar e o sentimento de vergonha de mostrar as intimidades aos outros era quase inexistente. Elias descreve a situação da Europa Medieval:

O que faltava nesse mundo *courtois*, ou no mínimo não havia sido desenvolvido no mesmo grau, era a parede invisível de emoções que parece hoje se erguer entre um corpo humano e outro, repelindo e separando, a parede que é frequentemente perceptível à mera aproximação de alguma coisa que esteve em contato com a boca ou as mãos de outra pessoa, e que se manifesta como embaraço à mera vista de muitas funções corporais de outrem, e não raro à sua mera menção, ou como um sentimento de vergonha quando nossas próprias funções são expostas à vista de outros, e em absoluto apenas nessas ocasiões. (ELIAS, 1994, p. 82).

Em uma sociedade pré-processo civilizador, como a medieval ou a goiana dos séculos XVIII e XIX, os indícios de familiaridade com a violência estavam entranhados no cotidiano da população.

Portanto, mesmo com a emergência de uma sociedade pacificada em que a violência legítima é monopolizada pelo Estado, em Goiás a valentia permanece importante como elemento da identidade cultural. Utilizando as obras da literatura regionalista, como documento da cultura, pretende-se, então, analisar a especificidade da ética da valentia goiana.

## **A valentia clássica: o duelo face a face**

A valentia é uma atribuição social, já que ninguém nasce valente ou covarde. Sendo assim, ela é também histórica, já que cada época vai ter a sua especificidade em relação à valentia. O valente espartano não possuía os mesmos atributos e a mesma valorização social do valente ateniense. Ser valente na Roma Antiga era diferente de ser valente na Judéia. A valentia depende, portanto, de um código simbólico específico a uma determinada sociedade, sendo historicamente variável. Agredir a esposa poderia não depor contra a valentia de um homem numa sociedade patriarcalista, mas é considerado um ato covarde numa sociedade em que as relações homem e mulher são reguladas de modo igualitário.

Essa diferença no modo de como a valentia é concebida em cada contexto histórico-cultural pode ser vislumbrada, quando se compara a “valentia gaúcha” com a “valentia goiana” nas produções literárias regionais. Em *Um certo Capitão Rodrigo*, Érico Veríssimo narra o episódio em que o valente Capitão Rodrigo Cambará enfrenta num duelo o filho do coronel:

Juvenal Terra transmitia instruções. Bento saíra pela direita e Rodrigo pela esquerda, a galope, para se encontrarem atrás do cemitério. Não haveria testemunhas, pois existia no país uma lei contra duelos. Os adversários deviam apelar, arregaçar as mangas e brigar. O que escapasse, viria depois até a praça dar o sinal para irem buscar o corpo do outro. (VERÍSSIMO, 2000, p. 49).

O texto demonstra um modelo clássico de valentia: aquele em que se enfrenta o adversário em igualdade de condições, respeitando as regras previamente estabelecidas, para que o melhor vença.

Portanto, o duelo, colocando frente a frente dois adversários, propicia o controle dos elementos aleatórios e permite que a perícia em técnica de combate e o controle das emoções sejam determinantes para a vitória do mais capaz. Exemplos desse tipo de combate pululam na literatura universal, como o famoso encontro entre Heitor e Aquiles, quando o primeiro, mesmo tendo consciência da dificuldade de vencer seu adversário, não recusa o combate: “mais vale ou triunfar do imano Aquiles, Ou morrer pela pátria em luta honrosa” (HOMERO, *Iliada*, canto XXII). Para Heitor, a honra era mais importante do que a vida; a pátria, mais importante do que a família.

O combate em duelos é o tipo puro de valentia e se legitima teoricamente no conceito de aventura do sociólogo alemão Georg Simmel. Para ele, o mundo da aventura se contrapõe ao mundo do trabalho: aquele é caracterizado pelo desejo de glória, pela audácia, pela coragem; está é caracterizada pela busca da paz, estabilidade e segurança pessoal. A aventura significa desprender-se dos interesses prosaicos que marcam a rotina cotidiana e mergulhar-se num ambiente de indeterminação e de múltiplas possibilidades. Viver no mundo da aventura significa estar disposto a arcar com os riscos de sua escolha.

Embora existam diversas modalidades de aventureiros, como o amante inveterado, o artista e o jogador, o maior de todos é o valente. Os outros desprezam a estabilidade pelo prazer da conquista amorosa, da criação estética ou da vitória; já o valente sintetiza em si todas as ambições anteriores. A vitória num duelo significa conquistar o outro (como na relação erótica), produzir beleza em forma de movimentos (como na criação estética) e sobrepujar o risco (como na aleatoriedade do jogo). Só o valente vai até as últimas consequências de “um completo abandonar-se às forças e às chances do mundo, que tanto podem nos favorecer como nos destruir” (SIMMEL, 2005, p. 175). O valente não apenas opõe à rotina da vida, como também faz o artista e o sedutor, mas desafia a própria noção de vida ao flertar perigosamente com a morte. Nesse sentido, ele é o verdadeiro “aventureiro profissional [que] faz da ausência de sistema da sua vida um sistema de vida” (SIMMEL, 2005, p. 173).

Se “o aventureiro é também o exemplo mais forte do homem a-histórico, do ser presente” (SIMMEL, 2005, p. 172), o valente é novamente o aventureiro típico. Adentrar o universo da valentia requer estar sempre aberto à possibilidade de abandonar o passado – a família, o emprego, os amigos – e não se preocupar com o futuro. Requer ser capaz de optar pelo risco da morte heroica em detrimento da velhice longa e corriqueira. Requer apostar “na chance flutuante, no destino e no que é impreciso” (SIMMEL, 2005, p. 176).

É indubitável que o valente não arrisca a vida simplesmente por arriscar. Ele, assim como “o aventureiro, confia de algum modo, em sua própria força. Antes de tudo, porém, confia em sua própria sorte; no fundo, ele se fia em uma singular união não diferenciada entre ambos.” (SIMMEL, 2005, p. 176). O risco é fundamental para a definição da aventura, pois em situações em que se tem a certeza da vitória não se configura um jogo, pois estão ausentes as forças do acaso. O verdadeiro duelo mortal ou combate físico é aquele em que qualquer um dos dois adversários pode perder ou ganhar.

Nesse sentido, o famoso duelo entre o pequeno Davi e o gigante Golias e mesmo o de Aquiles e Heitor talvez não sejam exemplos puros da valentia nesta acepção clássica. É que nos dois casos, os vitoriosos, protegidos por uma força divina, já sabiam que iriam vencer. Embora, ambos fossem peritos no uso de suas armas, contaram com uma ajuda extra e, por isso, combateram numa posição mais vantajosa do que os seus adversários. Davi e Aquiles, protegidos pelos céus, trapacearam o destino.

Na verdade, o duelo face a face e em igualdade de condições é um caso raro de se presenciar na vida real. Talvez por isso, tornou-se extremamente valorizado nas narrativas épicas e no romance literário. Permanece mais como um ideal a ser alcançado do que uma prática comum. Logicamente, determinadas sociedades se aproximaram mais desse código de honra do que outras: os guerreiros espartanos, os nobres feudais, os samurais japoneses, os pistoleiros do oeste americano, os valentes gaúchos, dentre outros.

Na literatura brasileira, a ética da valentia do duelo face a face está presente no livro *Ermitão de Muquém*, publicado em 1869. O autor da obra, Bernardo Guimarães, viveu em Goiás, mais precisamente na cidade de Catalão, entre os anos de 1862 e 1864, exercendo a função de Juiz Municipal de Órfãos e Delegado de Polícia. Portanto, ele deve ter aproveitado bem a sua estadia para compor o enredo de sua obra com elementos regionais. Ela retrata o percurso existencial de Gonçalo, um homem violento e orgulhoso que se transformou em um ermitão. A sua perícia nos atributos e técnicas que lhe garantiram a fama de valentão são admiráveis:

[...] aplicou-se com ardor desde criança ao manejo de armas de toda a qualidade, a domar animais bravos, a caçar, a nadar, enfim a toda sorte de exercícios do corpo os mais rudes e perigosos. E de feito neste ponto sua educação foi completa; aos vinte anos de idade, não havia em toda capitania quem com mais destreza esgrimisse uma chavasca, quem tivesse olho mais certo para uma pontaria, quem melhor se segurasse nos arreios, argüentando os corcovos do burro o mais xucro, e quanto ao nadar, só poderia competir com ele a lontra, ou a capivara. (GUIMARÃES, 1864, p. 05).

A perícia de Gonçalo no manejo do arco e flecha era tão destacada, que o tão decantado feito do arqueiro europeu que atravessou uma maça na cabeça de uma criança seria considerada por ele risível: “Gonçalo teria atravessado um anel” (p. 05).

Gonçalo cultivava a valentia com o mesmo esmero que um jardineiro cuidava de seu jardim. Não tinha pai nem mãe vivos, nem qualquer outro parente. Da religiosidade católica, aproveitava apenas a crença em amuletos capazes de fechar o corpo e proteger contra picadas de cobras e desprezava o preceito de oferecer a outra face em resposta a uma agressão. Talvez necessitando provar a sua valentia para si e para os outros, Gonçalo, num dos batuques populares em Vila Boa, provoca Reinaldo, jovem com um futuro promissor no campo da valentia, para um duelo. A luta entre os dois foi renhida:

Os cavaleiros, à vista do que observaram, concluíram que o combate tinha sido renhido, furioso e desesperado. O corpo de Reinaldo estava todo contuso, cutilado e esfaqueado; na boca e nos dentes, onde espumava um sangue negro, viam-se farrapos de pano, o que indicava que no último trance o infeliz combatera até com os dentes. Tudo enfim revelava que ali se passara uma cena pavorosa, da qual os vestígios mudos, que existiam, falavam mais alto do que toda e qualquer narração. (GUIMARÃES, 1864, p. 14).

No combate entre esses dois titãs do cerrado goiano, Gonçalo consegue sobreviver, apesar de muito ferido. Abandona Vila Boa e vai enfrentar novos desafios e perigos, junto aos indígenas Xavantes, nas margens do rio Tocantins. Assimilado aos costumes indígenas, torna-se o poderoso guerreiro Itajiba, esposo de Guaraciba, bela filha do cacique, para o desespero de seu rival, o valente guerreiro Inimã. Um ardid diabólico de Inimã faz com que Itajiba, cego pela escuridão da noite e pelo ciúme, confunda o abraço fraternal entre irmãos com um abraço lascivo de amantes. Sua resposta é rápida e previsível: atravessa Guaraciba e seu irmão com uma única flecha.

O duelo entre Gonçalo – ele renuncia o nome indígena após matar a jovem esposa – e Inimã é épico e inusitado. Os dois guerreiros, numa mesma canoa livremente levada pelas águas do Tocantins, compactuam as regras do sinistro duelo. A sugestão de Gonçalo é um pacto mútuo em que se sacie o desejo mútuo de sangue e vingança:

Tu embeberás no teu arco a tua melhor flecha, e eu farei o mesmo; curvá-lo-ás com vigor e apontarás ao meu coração, eu farei outro tanto e apontarei ao teu; darei com o pé dois sinais; ao terceiro dispararemos a um tempo. Por este modo será impossível que ambos não sucumbamos, e eu morrerei satisfeito por ter-te arrancado a vida, e te perdoarei a morte que me dás pela vida odiosa de que me livras. (GUIMARÃES, 1864, p. 48).

Diferente do duelo protagonizado pelo oponente de Rodrigo Cambará, Bento, que quebrou o pacto e utilizou uma arma de fogo para atingir covardemente seu adversário desarmado, o duelo de Gonçalo e Inimã é pontuado pelo respeito mútuo entre os dois adversários. Inimã era ardiloso, mas não era covarde. Havia provado o seu valor derrotando o temível cacique Jaguaruçu. Os dois disparam a flecha ao mesmo tempo, mas numa artimanha do destino, o amuleto de prata da Virgem impede a seta de atingir o coração de Gonçalo. Depois de tantas desilusões e sangue, alentado pelo milagre, optou, então, por ser tornar um velho ermitão pelas bandas de Muquém.

*Ermitão de Muquém* é ambientado no contexto espacial e temporal da capitania de Goiás do final o século XVIII ou início do XIX. A crença de Gonçalo em superstições, suas habilidades, o seu nome, seu gosto pelo pagode, tudo isso expressa uma compatibilidade com o lugar e a época. Contudo, Gonçalo não é um personagem verossímil com a realidade goiana.

Os historiadores utilizam a expressão “mentalidade coletiva” para referir aos pensamentos e atitudes comuns das pessoas de um mesmo lugar e época. Ela é a teia invisível que liga os contemporâneos, independente de sua posição social ou intelectual. Gonçalo estaria fora desta teia, pois o seu código de honra e virilidade destoava dos vigentes na época. Da mesma forma que em *O Guarani*, Peri está mais próximo de um cavaleiro medieval do que de um indígena tropical, Gonçalo está longe de ser um valente sertanejo do cerrado. Por isso, ele não serve como documento de um modelo de identidade cultural coerente com a visão goiana de valentia.



## A valentia goiana: a tocaia

A “valentia clássica” de Gonçalo, de Rodrigo Cambará ou de Aquiles não fez escola em Goiás. Aqui se vislumbra outro tipo de valentia, que pode ser exemplificado pelo relato do conto “Paciência de Goiano”, do escritor Bariani Ortêncio. A história é sobre o valentão Alvarino que se interessou por Conceição, filha do pacato São Ignácio que não aprovava o namoro. Mesmo assim, o valentão vai, desafiadoramente, até a casa da moça e a leva – ela também estava interessada – na garupa de sua montaria. São Ignácio observa a cena calmamente, enrolando cigarro.

Quando o casal já estava se distanciando, dois tiros ceifam a vida de Alvarino: “Conceição, apalermada, viu o pai sair detrás da moita, garrucha ainda com os canos esfumaçantes, pegar pela rédea do animal e dizer-lhe com ternura: ‘Bamo s’embora pra casa, fia, depois a gente volta pra modo enterrar ele’”. (ORTÊNCIO, 1992, p. 183).

Seu Ignácio é valente a seu modo. Diferentemente de Gonçalo, ele não concebe a valentia como sentido último da vida. Ele não é um aventureiro disposto a arriscar tudo num duelo de vida e morte. A sua valentia está associada à coragem de matar o outro, nem que seja pelas costas para proteger a sua honra patriarcal ou sua família.

Enfrentar com sobriedade o risco da morte, num duelo, por si só, não basta para caracterizar a valentia. Os suicidas buscam a morte e são considerados o antípoda da valentia. Ser valente requer a capacidade de matar alguém. É inegável que aquele que vislumbra a própria morte tem mais condições de vislumbrar a morte alheia.

É que uma pessoa que tem pouco apreço por sua vida a ponto de colocá-la na loteria do destino não terá, conseqüentemente, muito apreço pela de outro. O valente, portanto, é o indivíduo disposto a morrer e a matar, se preciso for. No caso do modelo goiano, mais disposto a matar do que a morrer.

Matar o outro não é banal e poucas pessoas têm a especialização psicológica necessária para isso. Até entre os ferozes predadores, o ato de matar outro da mesma espécie é um recurso extremo: as insaciáveis piranhas brigam entre si, utilizando a cauda e não as suas mortíferas presas.

Com exceção dos sociopatas, a capacidade de matar não parecer ser algo natural, mas, sim, uma das inúmeras habilidades apreendidas socialmente. Esta repugnância em matar o outro foi mensurada, durante a II Guerra Mundial, quando pesquisadores do exército americano descobriram que apenas 20% dos soldados conseguiram apertar o gatilho, mesmo estando o inimigo na mira das armas (GROSSMAN, 1996). Se a maioria dos soldados, no clima de guerra, não conseguiu matar o inimigo, o que dizer então das pessoas comuns?

Para estimular a letalidade da sua tropa, o exército americano mudou a sua tática de treinamento dos jovens soldados e fez um condicionamento psicológico em direção à brutalização e à insensibilização<sup>2</sup>. O resultado foi um aumento espantoso nos índices dos dispostos a matar: 55% na Guerra da Coreia e 90% na Guerra do Vietnã.

No caso de Goiás, a brutalização e a insensibilização foram impostas pelo próprio contexto cultural, marcado pela brutalidade e violência. A identidade goiana foi forjada em

meio à guerra de conquista do colonizador bandeirante contra os indígenas, em meio à subjugação forçada do africano e em meio à natureza desconhecida e perigosa. A população, na sua rotina cotidiana, convivia-se com a morte de indígenas, açoitamentos de escravos e caça aos animais.

Norbert Elias enumera dois fatores imprescindíveis para eclosão do processo civilizatório: primeiro, a existência de um centro que, monopolizando a violência, produziria a pacificação interna na área sobre seu controle; segundo, a complexidade das funções sociais (divisão do trabalho) que faria com que o indivíduo aprendesse a calcular suas ações, tentando prever o resultado delas a longo prazo. Esses fatores, historicamente, tomaram corpo pela primeira vez nas cortes dos monarcas absolutistas europeus, quando a nobreza guerreira medieval foi pacificada e aprendeu a calcular suas atitudes, a fim de obter privilégios do rei e de manter sua supremacia diante da burguesia em ascensão.

Das cortes absolutistas, esse comportamento civilizado foi apropriado pela burguesia, tornando-se a maneira típica dos ocidentais se comportarem. Diferente da Europa que vivia sob o impacto das *Luzes*, em Goiás dos séculos XVIII e XIX não havia nenhum desses dois requisitos essenciais ao processo civilizatório: o Estado não conseguia pacificar a sociedade, nem havia uma complexa rede de divisão de trabalho que permitia uma dependência e convivência mais harmoniosa entre a população.

Numa sociedade em guerra contra os indígenas e temerosa de uma rebelião de escravos, era inviável um desarmamento da população civil. Pelo contrário, o próprio Estado estimulava a população civil a se armar, seja por meio das bandeiras para combater indígenas ou quilombolas, seja por meio da Guarda Nacional, instituída no período regencial.

A consequência disso era uma sociedade fortemente armada e extremamente violenta. Grupo de homens armados – mercenários com seus indígenas aldeados, bandidos, jagunços de fazendeiros – circulavam por todo o território, muitas vezes, sem encontrar uma resistência efetiva por parte do aparelho repressor do Estado.

Portanto, como o Estado não tinha condições efetivas de inibir o livre uso da força física e ou da coragem por parte daqueles que eram fisicamente mais fortes ou psicologicamente mais destemidos, as pessoas corriam altos riscos – superiores aos de hoje – de serem agredidas ou mortas por outras. A consequência desse ambiente violento e da mobilização armada contra os indígenas e os negros foi a produção de uma ética social, na qual a violência era glorificada.

Enquanto na França, desde o século XVI, as regras de etiqueta restringiam cada vez mais o uso da faca à mesa – era considerado indelicado, por exemplo, passar a faca a alguém a segurando pelo cabo, utilizá-la para levar comida à boca, segurá-la com a mão direita (ELIAS, 1994, p. 130-1), em Goiás as crianças andavam com facão na cintura (PALACIN, 1990, p. 44) e muitas já manejavam armas de fogo<sup>3</sup>. Apenas uma cultura familiarizada com a violência produziria uma canção de ninar como esta:

Carneirim morreu  
vamos enterrá.  
Joga pedra né baiana  
cabá de matá” (BAIOCCHI, 1983, p. 172).

Matar carneirinhos, matar indígenas, matar negros, matar bandidos, matar desafetos. O verbo se torna sinônimo de coragem, mesmo que o ato seja feito pelas costas, numa tocaia.

Essa especificidade da valentia goiana, uma herança da estratégia de combate de indígenas e bandeirantes, destoava dos ideais de honra e coragem da valentia clássica. A ética militar grega antiga preconizava que o “arco não era a prova de valentia de um homem”, pois o ideal de guerreiro era o hoplita que, com suas longas lanças erguidas, corre em direção ao inimigo até o choque avassalador. O uso do arco e flecha era destinado ao efebo, que se valia da emboscada e não do enfrentamento cara a cara. (VIDAL-NAQUET, 1999, p. 126 e 134). O arco é a arma preferida dos covardes: foi uma flecha atirada pelo medroso Páris que matou o grande Aquiles.

Em Goiás, a tocaia era a estratégia dos brutos para matar as feras do sertão, fera bicho ou fera homem. No conto “Gente da Gleba”, de Hugo de Carvalho Ramos, o cabo de polícia Desidério utiliza desta tática para dar fim a “um tal Deodato, bandido de profissão, com dezoito mortes e tantas no costado”. O cabo, com o seu destacamento, cerca o casebre onde o bandido repousava e quando “a fera pulou para fora” com “facalhão em punho”, “os companheiros descarregaram por sua vez, da tocaia, as pederneiras” (RAMOS, 1984, p. 124-126).

Voltando ao conto “Paciência de Goiano”, chama a atenção à naturalidade de seu Ignácio, com voz terna, chamando a filha para voltar para a casa, após matar um homem. Essa mesma indiferença pela vida alheia aparece no conto “Justiça de Caboclo”, de Francisco de Britto. Num acampamento de tropeiros, João Maribondo, depois de descobrir que José Pretinho foi quem o esfaqueara há muito tempo numa briga por causa de mulher, leva-o para fora do rancho “à luz branca do luar” para “sangrá-lo como a um porco”. Logo depois demonstra uma total indiferença, ao dialogar com o narrador do conto:

Depois calmamente, como se nada houvesse acontecido, aproximou-se da minha rede com o punhal ensanguentado na mão.

– O senhor me desculpe a falta de respeito. Há cinco anos ando no piso deste miserável e não podia perder a oportunidade. [...]

Limpando a faca na perna encostou-se ao tronco do pequizeiro, tirou do bolso da calça um pedaço de fumo e pôs-se a picá-lo pavorosamente. (BRITTO, 1969, p. 128).

As páginas da literatura regionalista goiana, a se fiar nos escritos de seus mais conhecidos representantes, estão permeadas de sangue, crime e dor. No dizer de Hugo de Carvalho Ramos, consequência de uma aritmética que envolve “Terras bárbaras, gente forte” (RAMOS, 1984, p. 51). Nesse contexto, configura-se um modelo de honra, na qual a coragem de matar o oponente, do jeito que for, é uma demonstração de valentia.

No romance *O Tronco*, de Bernardo Élis, o cabo Severo que “tem uma morte em cada dedo, juntando os dos pés” (ÉLIS, 1974, p. 164) executou friamente nove reféns presos a um tronco na vila de São José do Duro. Mesmo assim, o alferes não perdeu sua aura de valentia: “valente era o alferes Severo. Resistia com denodo”. (p. 239). Para os padrões goianos, a coragem de matar, nem que sejam pessoas indefesamente presas a um tronco, é um forte demonstrativo de valentia.

## Considerações finais

Este artigo vale-se das obras literárias para analisar um dos aspectos da identidade cultural goiana. Diversas matrizes teóricas legitimam o uso de obras da ficção como documento da cultura, dentre elas a conhecida obra de Hayden White que parte do pressuposto que é necessário superar a crença de que “a ficção é a antítese do fato” (WHITE, 1995, p. 42). Essa concepção abre o espaço para análise de obras ficcionais como potencialmente informativas para entender os aspectos culturais, uma vez que a literatura é vista como depositária de representações coletivas sobre um povo.

No entanto, a prestatividade da literatura para análise da cultura requer uma triagem que leve em conta um jogo entre o texto e o contexto. Nem toda obra literária expressa as representações identitárias vigentes num determinado lugar e época. Por exemplo, o livro *Ermitão de Muquém* postula uma ética de valentia que destoa dos padrões vigentes em Goiás. É uma valentia cavalheiresca, idealizada, extraordinária, livresca que não é coerente com os padrões goianos.

Em Goiás, a valentia se confunde com a capacidade de matar, inclusive utilizando-se da tocaia. Os valentes são aqueles que trazem sobre os seus ombros uma elevada carga de assassinatos, não importando as circunstâncias de suas ocorrências. A quantidade fala por si. Nesse aspecto, o conto “Paciência de Goiano” evoca com mais propriedade esse modelo de valentia, uma valentia mais silenciosa e modesta, que, mesmo assim, não deixa de assombrar pela sua brutalidade.

O artigo contribui para mostrar que a ética da valentia não é uníssona. O timbre varia conforme o lugar. Nos pampas, por exemplo, a tocaia de São Ignácio, seria considerada covardia. Por outro lado, nos cerrados, o duelo meticuloso de Rodrigo Cambará seria considerada uma desnecessária fanfarronice.

A valentia é um aspecto cultural da violência. Poder-se-ia dizer que há uma relação direta entre essa identidade cultural calcada na valentia e os altos índices de violência existente no estado? A intuição dos autores deste texto é que sim, embora reconheçam a complexidade de fazer qualquer afirmação peremptória sobre isso. De qualquer forma, espera-se que as reflexões desse artigo possam mostrar o modo como os goianos se enxergam no espelho da cultura.

## Notas

1 Os outros elementos típicos de uma identidade tradicional estão ligados a um perceptível saudosismo de um modo de vida rural, evidenciado nas músicas sertanejas, no desejo da classe média de comprar um sítio para se refugiar nos finais de semana, na preferência por uma culinária a base de frutos do cerrado ou de produtos rurais.

2 Um exemplo fácil das estratégias de brutalização utilizada nos treinamentos das forças militares e policiais é o filme brasileiro *Tropa de Elite* (Dir. José Padilha, 2007).

3 Gilberto Freyre (1996, p. 379) notou sagazmente o efeito disso na formação da psicologia das crianças brasileiras dos tempos coloniais: “Um país em que desde cedo os meninos eram armados com facas de ponta. Meninos e gente grande deviam estar prontos a enfrentar surpresas de índios e animais selvagens. Daí a precocidade das crianças coloniais, cedo chamadas a participar das angústias e preocupações dos adultos.”

## Referências

BAIOCCHI, Maria de Nazaré. **Negros de cedro**: um estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás. São Paulo: Ática, 1983.

BRITTO, Francisco de. **Terras Bárbaras** (contos). Goiânia: Instituto Goiano de Livro, 1969.

CHAUL, Nasr Fayad. A identidade cultural do goiano. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 63, n. 3. SBPC, 2001. p. 42-43.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. RJ: Jorge Zahar, v.1, 1994.

ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo: José Olympio, Editora Três, Civilização Brasileira, 1974.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GROSSMAN, Lt. Cel. Dave. **On Killing**: the psuchological cost of learning to kill in war and society. Little: Brown and Co. 1996.

GUIMARÃES, Bernardo. **O Ermitão do Muquém**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Fundação Biblioteca Nacional, 1858. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/ermitao.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/ermitao.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HOMERO. **Ilíada**. Versão em português de Odorico Mendes. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/iliada-de-homero-canto-xxii>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

ORTÊNCIO, Bariani. Paciência de goiano. In. DENÓFRIO, Darcy França; SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Antologia do conto goiano I**. Goiânia: Editora da UFG, 1992. p. 179-183.

PALACIN, Luis. **O coronelismo no Extremo Norte de Goiás**. Goiânia: Cegraf; São Paulo: Loyola, 1990.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiadas**. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1984.

SIMMEL, George. A aventura. In. SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Org.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Ed. da UnB, 2005. p. 169-184.

TELES, José Mendonça. **Quando os flamboyants florescem**. Goiânia: Editora Acadêmica, 1988.

VERÍSSIMO, Érico. **Um certo Capitão Rodrigo**. SP: Globo, 2000.

VIDAL-NAQUET, Pierre. O *Filoctetes* de Sófocles e a Efebria. Trad. de Maria da Conceição Cavalcante. In. VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. p. 125-145.

WHITE, Hayden. **Metahistória**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

*Recebido em 11 de fevereiro de 2015*  
*Revisado em 07 de novembro de 2015*  
*Aceito em 10 de novembro de 2015*